

O Movimento Estudantil na Paraíba (1959-1964)

Michelle Dayse Marques de Lima - Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPE

Já foi dito que o Brasil de fins dos anos 50 e início dos 60 *estava irreconhecivelmente inteligente*.¹ Sobre o movimento estudantil (ME), especificamente, já se disse *que em 1956 teve início uma fase distinta da história da UNE, reflexo de uma politização maior do movimento estudantil que fez com que o órgão máximo dos estudantes brasileiros contasse com uma atuação mais intensa nos acontecimentos da vida nacional*.²

Mas é preciso ter cuidado: reconhecer essas características, de fato verdadeiras, pode levar a uma mistificação dos movimentos sociais do período levando-nos a não perceber as ambigüidades, contradições e limites da luta dos movimentos populares dessa época. Arthur Poerner, por exemplo, autor do livro clássico *O Poder Jovem*, que registra a história do ME brasileiro e o analisa desde os tempos da colônia até 1968 (momento em que escreve a obra), afirma que o *estudante brasileiro é um opositor nato*³, e se esforça para mostrar o estudante como um rebelde sempre simpático às causas progressistas, quando não um revolucionário mesmo.

Pode-se afirmar que há, portanto, uma tendência em idealizar o ME - e os movimentos sociais de um modo geral - do que talvez tenha sido o período mais efervescente da história política do país. No entanto, a pesquisa, o contato com o cotidiano do ME da Paraíba do início dos anos 60, através dos jornais da época, nos fez perceber a existência de um outro caráter para a sua luta, para além daquela quase natural (como muitas vezes Poerner faz crer) *rebeldia, inquietação revolucionária*. São muitos os indícios na Paraíba que levam a crer que os estudantes tinham aspirações típicas da classe média e se mobilizavam para defendê-las.

O perfil do movimento, antes do golpe de 64, é nitidamente nacionalista e reformista, dentro daquela perspectiva de emancipar e desenvolver o Brasil a partir do fortalecimento da autonomia de sua economia, o que levaria ao inevitável desenvolvimento do país cujos frutos seriam melhor distribuídos havendo, portanto, um pouco mais de justiça social. No primeiro dia de publicação da página *Paraíba Universitária* no jornal *A União*, órgão oficial do estado, - espaço cedido pelo governador de então, Pedro Gondim - a União Estadual dos Estudantes da Paraíba (UEEP),

¹ SCHWARZ, Roberto apud HOLLANDA, Heloísa B. de; GONÇALVES, Marcos A. **Cultura e participação nos anos 60**. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.8.

² SANFELICE, José Luís. **Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986, p.17.

³ POERNER, Arthur J. **O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 26.

pronunciando-se como representante dos universitários paraibanos, afirma que aquele espaço representaria, a partir dali,

" (...) o pensamento da classe, expresso nas lutas que mantemos em favor não só de nossos interesses imediatos e diretos mas também dos grandes motivos que resumem os esforços sinceros dos brasileiros nas suas lutas pelo soerguimento cultural, pela completa emancipação econômica e, em poucas palavras, pelas conquistas que nos levarão ao absoluto auto-domínio de nosso próprios destinos. Não seremos apenas o registro pontual e passivo dos acontecimentos que se desenrolam em nosso meio universitário: seremos também princípio ativo como um fermento de idéias, como força de vanguarda, que estará sempre presente na primeira linha de nossas lutas mais enobrecedoras. Não seremos apenas cadastro histórico, mas também fator da própria história. Somos e seremos a voz de uma classe ao lado de um povo que sofre mas que ainda não desereu [sic] na mensagem de redenção social e econômica, através da legenda fecunda do nacionalismo que é a doutrina cívica de nossa fé patriótica" ⁴

Em outros momentos, no discurso do ME transparece uma certa atitude paternalista em relação ao povo: os estudantes, *esclarecidos e conscientes*, eram responsáveis por ele, o que nos leva ao pensamento de Marialice Foracchi, para quem no ME haveria o *objetivo pequeno-burguês de liderar o processo revolucionário*⁵ ou, acrescentaríamos, reformista. É o que percebemos numa nota publicada na página *Paraíba Universitária* intitulada *Universidade luta pela sobrevivência da maternidade Cândida Vargas*. A UEEP se engajou na luta para evitar o fechamento do hospital por falta de condições financeiras para continuar funcionando, principalmente por saber a importância da maternidade para a população pobre. Afirmava fazer isso por estar *cônsua de suas responsabilidades perante a sociedade*, tendo enviado, inclusive, telegramas para diversas autoridades como os deputados Abelardo Jurema e João Agripino e o senador Ruy Carneiro⁶.

Essa mesma idéia de *responsabilidade* perante a sociedade aparece em um texto publicado na *Paraíba Universitária* sobre o sucesso dos estudantes na luta pela federalização da universidade:

" (...) logrou a mocidade que alisa os bancos acadêmicos, o coroamento de sua batalha principal, no seu trabalho de assegurar melhores dias para o Estado e um maior desenvolvimento de nossa cultura provinciana.

As armas estão ensarilhadas e a partir desta data os jovens não se quedarão estáticos a digerir, numa verdadeira indolência tropical, recordações dos choques nem a lamber as feridas conseguidas na batalha, remoendo ódios e malquerenças...

É verdade que a vitória nos pertence. Mas não nos circunscreveremos a degustá-la e a usufruir de seus benefícios, sem criar nada de útil para a sociedade a que pertencemos.

⁴ **A União**, João Pessoa, 20 jun. 1959, Paraíba Universitária, fl. 5.

⁵ FORACCHI, Marialice. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977. Apud MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento estudantil e ditadura militar (1964-1968)**. Campinas: Papirus, 1987, p. 29.

⁶ **A União**, João Pessoa, 22 out. 1960, Paraíba Universitária, fl. 4.

Com a Federalização de nossa Universidade e sua conseqüente libertação das dificuldades financeiras oriundas mesmo de seu provincianismo, novas e mais fortes obrigações são criadas para sua mocidade.

*Nesse momento em que o Brasil luta, com as últimas energias de suas fibras, com todas as suas forças contra um sub-desenvolvimento [sic] que tenta persistir sempre levando o povo à miséria que se tem apresentado como uma constante no cotidiano, por certo gerará **novas responsabilidades, responsabilidades essas que, por certo, virão repousar sobre os ombros fortes e desenvolvidos de sua mocidade, sua mocidade atual a quem caberá o sacrifício, o supremo sacrifício de alicerçar a nova brasilidade** [grifo nosso] .*

Estamos cômnicos de nossas responsabilidades e, agora, mais que nunca, nos colocamos às trincheiras dessa nova luta.

Ensarilhemos as armas da luta pela federalização, mas não esperaremos que nossas feridas saem... Iremos à luta maior, imbuídos do mesmo espírito de luta da mocidade idealista." ⁷

Mas talvez o melhor indício de que a luta do ME era por reivindicações de classe média esteja na relação dos estudantes paraibanos com os políticos locais. Em relação ao governador Pedro Gondim foram inúmeros os sinais de boa convivência. Logo no início do ano de 1959, os universitários enviaram ao governador mensagem de congratulações pela passagem do primeiro aniversário do governo nos seguintes termos: "*União Estadual dos Estudantes da Paraíba, órgão máximo da classe universitária paraibana, apresenta votos de Feliz Ano Novo e prosperidades administrativas no decorrer de 1959, assim como congratula-se pela passagem do primeiro aniversário da operosa administração.*" ⁸

Também eram boas as relações de Pedro Gondim com a Associação dos Estudantes Secundários da Paraíba (AESP). Ao deixar a presidência do órgão de representação dos estudantes secundaristas, o estudante José Martinho Lisboa enviou ao governador ofício agradecendo a dedicação do governo à sua classe, e por isso prestava um "(...) *tributo de reconhecimento e gratidão pelos serviços que foram prestados e pela atenção que sempre foi dedicada à Associação dos Estudantes Secundários da Paraíba*" ⁹

O fato mais evidente da boa relação do governador Pedro Gondim com os estudantes, nesse momento, é a já citada cessão de uma página inteira no jornal oficial *A União*, intitulada *Paraíba Universitária*, para a divulgação dos assuntos de interesse do estudantado universitário. Sobre a atitude do governador, assim se manifestaram os representantes dos estudantes:

" Agradecimento:

Ao iniciarmos a publicação da 'Paraíba Universitária', não podemos nos omitir de prestar nossa homenagem sincera ao Governador Pedro Gondim, mestre e amigo dos estudantes paraibanos, que, em boa

⁷ *A União*, João Pessoa, 18 dez. 1960, Paraíba Universitária, fl. 5.

⁸ *A União*, João Pessoa, 04 jan. 1959, Paraíba Universitária, fl. 3.

hora, compreendeu as necessidades estudantis, fazendo suas primeiras incursões no campo do jornalismo, mantendo-se informados sobre os fatos mais importantes da atribulada vida universitária. À S. Excia. que, nesta hora, nos possibilita um veículo de informações, dando mostras de seu alto espírito de compreensão às causas da educação da mocidade, quer a UEEP deixar patente o seu agradecimento. Também ao professor Josué da Silveira, gerente do matutino que nos acolheu, deixamos bem patente nosso reconhecimento (...).

Tomamos a liberdade de inscrever essas autoridades como verdadeiros benfeitores da juventude paraibana, patenteando-lhes o nosso reconhecimento."¹⁰

Poderíamos dizer, dessa boa relação dos estudantes com o governador Pedro Gondim, que ela era fruto da prática populista (e Gondim era um político de feição populista) de tentar conviver bem com todos os segmentos da sociedade. Houve momentos de sua gestão em que Gondim contou com a satisfação e a insatisfação das forças de esquerda e de direita, naquele movimento típico do populismo. Mas o curioso é que a relação dos estudantes com José Fernandes de Lima - presidente da Assembléia Legislativa que assumiu o governo do estado quando Gondim se desincompatibilizou para candidatar-se a governador, e adversário político deste - também era muito boa, como atesta notícia veiculada na *Paraíba Universitária*, intitulada *Governador José Fernandes de Lima: um amigo dos universitários*:

" Demonstrando mais uma vez a boa vontade com que resolve os inúmeros problemas do seu governo, o Governador José Fernandes de Lima recebeu, em seu Gabinete, no início desta semana, uma comitiva de universitários presidida pelo acadêmico Amilton Gomes.

Na ocasião, o Chefe do Executivo paraibano autorizou ao Secretário Antônio T. de Carvalho, titular da Pasta da Fazenda, a pagar a subvenção que o Estado devia à UEE.

Abordando no encontro com o governador o problema da instalação da Policlínica Central dos Estudantes, velho e merecido anseio da classe, o sr. José Fernandes de Lima prometeu aos estudantes, sem maiores dificuldades, por [sic] a disposição da UEEP, médicos, acadêmicos e até enfermeiras do Estado, estando para isso apenas aguardando o retorno a esta cidade do Secretário da Saúde, quando terá oportunidade de tratar do assunto.

O Governador do Estado, pela boa vontade com que atendeu aos universitários, vem sendo alvo de justos aplausos por parte da classe."¹¹

Esse tipo de relação com os políticos refletia os anseios para que fossem satisfeitas as reivindicações de classe média. O auxílio dos políticos, independente de quem fosse, era bem-vindo na medida em que ajudava concretamente - oferecendo atendimento médico-dentário, moradia, refeição, espaço para divulgar suas reivindicações no jornal oficial etc. Ou seja, na medida em que

⁹ **A União**, João Pessoa, 19 mar. 1959, Paraíba Universitária, fl. 3. Neste momento, na Paraíba, o movimento dos secundaristas não era tão organizado quanto o dos universitários.

¹⁰ **A União**, João Pessoa, 20 jun. 1959, Paraíba Universitária, fl. 5.

¹¹ **A União**, João Pessoa, 30 out. 1960, Paraíba Universitária, fl. 4.

ajudava a criar as condições para a ascensão social pelo estudo que é como podemos resumir a referida *reivindicação de classe média*.

Para além do tom reivindicativo do ME, sempre lutando para garantir as condições materiais para a execução do projeto de ascensão social pelo estudo, a que temos nos referido aqui, acreditamos também que muitas vezes os estudantes se mobilizavam em prol dos valores da democracia ocidental. Porém, é o caso de se perguntar: setores significativos da classe média não apoiaram o golpe, participando, inclusive, da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*¹² ? De fato, mas talvez seja importante também perguntar qual era o projeto político de Carlos Lacerda, por exemplo, governador da Guanabara, um dos articuladores do golpe e político que encarnava os anseios dessa parcela conservadora da classe média? Ser candidato a presidente em 1965. Isso quer dizer que a longa ditadura que se instalou no país não era o desejo sequer desse segmento da sociedade. Vinha, na verdade, atender aos projetos de uma minoria que, no entanto, formava uma poderosa elite. Os segmentos médios conservadores, incluindo aí imprensa e boa parte dos políticos, apoiaram o golpe para que os militares instituíssem a ordem e acabassem com a *anarquia* e o *caos* em que Jango havia transformado o Brasil com claras intenções de fundar aqui uma *república anarco-sindicalista*. Não podemos esquecer que a propaganda golpista afirmava que era o presidente quem planejava o golpe e ameaçava a democracia. Os militares viriam, então, para sanear o Brasil e, em seguida, entregar o poder aos civis.

Mas esse caráter da luta do ME (a tentativa de efetivar a democracia no Brasil), assim como sua mobilização pela reforma da universidade, da sociedade, pelas *reivindicações de classe média*, enfim, não estão sendo apontadas como limitação. Ao contrário, concordamos com Marcelo Ridenti quando ele afirma:

" (...) quando a luta pela ascensão social assume caráter coletivo, como foi o caso do movimento estudantil brasileiro nos anos 50 e 60 na briga pela reforma do ensino, já há um esboço de ruptura com a ordem vigente, ainda que os objetivos visados fiquem na órbita da ideologia dominante (pois as mudanças propostas reproduziriam a hierarquia social capitalista). Não se tratava mais da tentativa isolada de ascensão social pela educação de indivíduos menos ou mais pobres que, cada um por si, buscariam ingressar e ascender no sistema educacional estabelecido. Ao contrário, procurava-se conjuntamente a mudança no sistema escolar, ainda que ela não implicasse ruptura com o capitalismo. Aquela luta fazia parte da aspiração dos despossuídos por direitos de cidadão integrais." ¹³

Ou seja, repetindo uma expressão já bastante conhecida, a elite brasileira não admite nenhuma concessão e a luta dos estudantes para modernizar a sociedade brasileira, ainda que dentro dos marcos do capitalismo, representava a tentativa de quebrar privilégios antigos, alguns arcaicos

¹² TOLEDO, Caio Navarro. **O governo Goulart e o golpe de 64**. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 99.

¹³ RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1993, p. 144.

mesmo, do segmento da sociedade brasileira que se situa no topo da pirâmide social. Essa característica de nossa elite é que tornava o ME *subversivo*.

Além disso, como já afirmamos anteriormente, parte desse segmento privilegiado da sociedade brasileira tinha já interesses econômicos que não poderiam conviver com a crescente mobilização social que ocorria no período, principalmente dos trabalhadores. Para que fosse possível a execução do modelo econômico do chamado capital associado (aos interesses multinacionais, principalmente americanos) a prática populista de conciliação não servia mais. Aliado a esse fator havia ainda o projeto político longamente elaborado pela Escola Superior de Guerra (ESG), cujo maior expoente era o General Golbery do Couto e Silva, que analisava a situação de bipolaridade em que o mundo vivia então, entre duas potências, e concluía que convinha ao Brasil alinhar-se ao bloco ocidental sob a hegemonia da potência capitalista, os Estados Unidos. Nesse sentido, era preciso repelir as ameaças do outro bloco, que se utilizava de nova forma de guerra, a revolucionária, infiltrando agentes nos territórios de outros países para seduzir a população local e fazê-la voltar-se contra o governo instituído, surgindo daí a idéia do *inimigo interno* que poderia estar em qualquer lugar e deveria ser reprimido.¹⁴

Em função do explicitado, vemos que havia interesses bem mais poderosos em jogo no momento do golpe, o que fez com que os seus articuladores ignorassem - embora buscassem sempre institucionalizar-se no discurso e em algumas práticas¹⁵ - os anseios da classe média por ascensão e espaço democrático, o que a descontentou, pelo menos até 1968.

Gostaríamos ainda de chamar a atenção para o fato de que é fundamental perceber que, apesar do discurso radical que as vanguardas estudantis adquirem antes mesmo do golpe, e que acentuam no pós-64 (embora no período 1959-1964 soasse reformista mesmo), o que mobiliza a massa de estudantes e a articula com as lideranças são as reivindicações de classe média.

Até porque, o discurso "político", revolucionário, é vago, as lideranças são mais práticas nas lutas específicas e é exatamente nesse momento que elas contam com o respaldo da massa; e, vale salientar, a luta específica do estudante era pelo direito de estudar numa escola/universidade moderna, que estivesse inserida em uma sociedade (um pouco, pelo menos) mais moderna. Mas um outro grupo tinha outro projeto e o fez valer sobre todos os outros.

¹⁴ ALVES, Maria H. Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis: Vozes, 1984

¹⁵ ALVES. Op. cit.